

Barthes: o texto Japão

Alexandre Ferreira Marinho*

Universidade do Porto, CITCEM

Resumo: Esta comunicação, proferida no quadro da segunda edição da Jornada de Tradução e Cultura, procurou esclarecer o contributo decisivo da cultura nipónica e do budismo na poética de Roland Barthes, demonstrando como *L'Empire des signes*, publicado em 1970, assinala uma revolução estética e teórica na reflexão barthesiana sobre o signo e o texto.

Palavras-chave: Barthes, Japão, Texto, Haiku

Abstract: This paper, delivered in the context of the 2nd edition of Jornada de Tradução e Cultura-2, sought to clarify the key contribution of the Japanese culture and Buddhism in Roland Barthes poetics. It showed how *L'Empire des signes*, published in 1970, marks an aesthetic and theoretical revolution in the Barthes' reflection on the sign and the text.

Keywords: Barthes, Japan, Text, Haiku

Em maio 1966, a convite de Maurice Pinguet, então diretor do Instituto franco-japonês de Tóquio e futuro dedicatário de *L'Empire des signes* (2014c), Roland Barthes inicia uma turnê de dois meses de conferências sobre a crítica literária e as *Mythologies* (2014d) pelas universidades de Tóquio, Nagoya, Kyoto e Osaka. Até 1967, Barthes empreenderá mais duas viagens ao Japão, tendo permanecido neste país cerca de oito semanas.

A experiência nipónica, recordará Pinguet em *Le Texte Japon*, fora festiva, feliz, mas efémera. Espaço simultaneamente semiológico, onírico e erótico da possibilidade de uma outra vida: “Le Japon, ce Japon, son Japon fut pour [lui] l’utopie du désirable” [O Japão, este Japão, o seu Japão fora para ele a utopia do desejável] (2009: 29).¹

Esta felicidade, este desejo de uma utopia designada Japão, jamais abandonará a reflexão barthesiana, e isso ao ponto de a ritmar. Disseminada em textos tais como os *Fragments d'un discours amoureux* (2002a) ou *La Chambre claire* (1980), as reminiscências desta experiência nipônica da felicidade encontrarão um derradeiro eco em “On échoue toujours à parler de ce qu'on aime”, artigo encontrado após a morte acidental do seu autor em 1980, texto ainda inserido na máquina de escrever onde Roland Barthes dactilografara: “J'ai connu quelqu'un qui aimait le Japon comme Stendhal aimait l'Italie” [Conheci alguém que amava o Japão como Stendhal amava a Itália] (2002b: 907).

Porém, é, claro, no *Império dos signos*, de 1970 – texto no qual, segundo Maurice Pinguet, “on devine que cette écriture est celle de l'amour” [adivinhamos que esta escrita é a do amor] (2009 : 30) –, que se manifesta mais objetivamente este amor do Japão.

A redação ou, melhor dizendo, a *escrita* de *L'Empire des signes* – iniciada imediatamente após o regresso da primeira de três viagens ao Japão – assinala, segundo a exegese barthesiana, uma etapa fundamental na reflexão do teórico e crítico francês.

Por um lado, esta *escrita* configura, no *corpus* barthesiano, a primeira manifestação de *intransitividade*, isto é, de uma escrita movida em si mesma, não tendo outro fim que ela mesma. Por outras palavras, recorrendo à distinção consagrada no *Le Degré zéro de l'écriture* (2014a), de 1953: *L'Empire des signes* marca a passagem de um Barthes *écrivain* para um Roland *écrivain*. Por outro lado, as sucessivas viagens empreendidas ao Japão entre 1966 e 1967, a este país por ele assim designado, conferiu a Barthes a prova – de certo modo empírica – de recentes premonições sobre o *signo*, premonições essas que ele materializaria em *S/Z* (1976), texto consagrado à leitura da novela de Balzac, *Sarrasine*, e publicado, tal como *L'Empire des signes*, em 1970.

Se *L'Empire des signes* determina uma clivagem de ordem estética numa produção barthesiana até então de foro essencialmente académico ou ensaístico, *S/Z* ilustra, por sua vez, uma clivagem teórica cujas repercussões viriam a acentuar-se daí em diante em textos como *Le Plaisir du texte* (2014b) ou *La Mort de l'auteur* (2002b). Redigidas no rescaldo da experiência nipônica, *L'Empire des signes* e *S/Z* constituem, por assim dizer, um díptico cuja matriz seria, não o Japão, este país insular a leste do oriente, mas um texto, o texto Japão.

Ora, o que é o *texto Japão*? Em que medida o Japão é um texto? E o que levou Barthes a confessar: “Je lis le Japon comme un texte [...]. Au Japon, je suis en constante activité de lecture” [Leio o Japão como um texto [...]. No Japão, estou em constante atividade de leitura]?

Desde o início desta comunicação, recorri a um leque de termos, noções ou conceitos próprios à reflexão ou à *escrita* barthesiana sobre o texto e a literatura.

Os iniciados à reflexão e à escrita barthesianas terão provavelmente percebido a questão da *intransitividade* da escrita, terão reconhecido a distinção entre *écrivain* e

écrivain, sabendo o que eles significam. Outros, menos ou nada familiarizados, estarão talvez perdidos, quiçá indecisos, entre o denotativo e as potencialidades conotativas desses termos. Sem grelha de leitura!

Poderíamos supor que estes últimos, os não iniciados, experienciam precisamente algo comparável ou análogo àquilo que Barthes ressentiu no Japão: um país, uma cultura, uma língua cujos significados nos escapam, pois não dominamos ou simplesmente porque não conhecemos as chaves de leitura.

Talvez como Barthes perante o Japão, os não iniciados, os estrangeiros à reflexão barthesiana, estarão provavelmente perdidos – *lost in translation* – num espaço discursivo onde significantes e significados não se cristalizam em signos, embora saibam que há, algures, um sentido.

Porém, o Japão barthesiano não é somente um espaço no qual deambularia um indivíduo, um turista menos avisado, sem referentes, num sistema semiológico abscosso, hermeneuticamente hermético.

O Japão barthesiano também não é um sistema onde os significados estão pura e simplesmente ausentes, o que seria impossível, já que a existência de significados, ou a presunção desta, é fundamental à coesão de qualquer sistema, nomeadamente de uma civilização chamada Japão.

O Japão barthesiano é, antes pelo contrário, um espaço onde o sentido, o elo entre significantes e significados – junção aparentemente magnética para um ocidental – está propositado e constantemente suspenso. O Japão barthesiano é um espaço onde decorre uma prática, uma *poiética*, da *exemption du sens*, seja no *ikabena*, a arte floral, nos gestos que acompanham a cerimónia do chá, na disposição de rochedos e pedras no jardim do templo de Ryoan-ji, na caligrafia, nas vénias, nos sorrisos ou até no rosto de uma criança.

Ao invés do Ocidente, império da significação onde, segundo Barthes, tudo – ideologias, ciências, discursos e textos – tendem a significar, a impor um sentido, a cristalizarem uma ou a verdade, limitando ou restringindo assim as potencialidades textuais a uma única leitura inequívoca, o Japão seria o império da *signifiance*, um espaço *neutro*.

Talvez possamos perceber como, num Barthes tão sensível à ditadura ocidental do sentido – ao ponto de esta lhe provocar náuseas –, o *texto Japão* fora tão decisivo. Como o testemunha Pinguet:

L'expérience japonaise n'a eu seulement une fonction émotive, hédoniste, esthétique. Elle a fourni à sa morale du signe la confirmation d'une réalité vérifiable. Dans cette culture la conception du signe et du sens qu'il s'attendait à défendre depuis toujours. (2009 : 29) [A experiência nipónica não teve apenas uma função emotiva, hedonista, estética. Ela conferiu a sua moral do signo a confirmação de uma realidade verificável. Nesta cultura, a concepção do signo e do sentido que ele esperava defender desde sempre].

No Japão, é no budismo zen que Barthes identifica a matriz desta *poiética* da *signifiance*, desta isenção ou intangibilidade do sentido. Além de aulas de língua e de caligrafia japonesas, Barthes inicia igualmente, após a sua primeira viagem ao Japão, a leitura de alguns clássicos do budismo zen e do taoísmo, tais como: *O Budismo zen* (2000) de Allan Watts, *O Zen e a arte do tiro com arco* (2007), de Herrigel, ou os ensaios de Daisetz Teitaro Suzuki (2018).

O termo *zen* deriva do chinês *chan* que, por sua vez, deriva do sânscrito *dhyana*, “meditação”. Introduzido no Japão durante o período Kamakura, entre os séculos XII e XIV, a meditação zen está nos antípodas das *meditações filosóficas* cartesianas. De facto, o zen não procura inculcar um método analítico que permitiria alcançar de modo lógico a verdade, mas, antes pelo contrário, fomentar uma espécie de *epochè*, uma suspensão de qualquer juízo sobre a realidade. Sendo esta indecifrável, indeterminável, pois em constante mutação, quaisquer tentativas de a apreender racionalmente estão votadas ao fracasso, condenando inexoravelmente o indivíduo ao erro e à infelicidade. Se a infelicidade resulta do apego à realidade, à *maya*, de uma frustração existencial diante das incertezas e às vicissitudes da vida, cabe ao indivíduo *despegar-se*, abster-se de aceitar a realidade, de a apreender, de querer que ela signifique algo.

Segundo Allan Watts, o budismo zen “*não é uma religião nem uma filosofia; não é uma psicologia nem um tipo de ciência. É um exemplo daquilo que na Índia e na China se conheceu como um caminho de libertação*” (*idem*: 21). Uma libertação desta tentação de apreender racionalmente a realidade, desta ânsia de significados, aquilo que Barthes cunhou de *vouloir-saisir* e que é próprio à mentalidade e à filosofia ocidental:

Attaché à la doctrine du Logos, il lui faut [proferira Erich Fromm num seminário consagrado ao budismo zen e à psicanálise] à partir d’une expérience vibrante signifier: c’est-à-dire abstraire et actualiser, soumettre à toute une série d’analyse ce qui fut vécu et ressenti. (2018: 11)

[Apegado à doutrina do Logos, o Ocidente tem de significar a partir de uma experiência vibrante: isso é, abstrair e atualizar, submeter a um conjunto de análises aquilo que foi vivido e ressentido].

Todavia, a meditação zen não propõe uma mera ataraxia ou apatia face à realidade. O zen não é estático, mas dinâmico. Através da neutralização de qualquer significado, ela impele o indivíduo num movimento que não é o do progresso, o da evolução ou o da dialética – noções ocidentais –, mas num perpétuo movimento espiral de aproximação e de distanciamento aos significados, movimento este que visa reproduzir ou mesmo fundir-se, *confundir-se*, nem que seja por um breve instante, com o próprio movimento de todas as coisas.

O *haiku*, forma poética que Barthes aproxima ao budismo zen, suscita, segundo ele, este breve instante de vácuo significativo, um *satori*:

ébranlement de la logique: cherché, systématisé, pratiqué par le zen en vue de produire dans la conscience cette sorte de flash vide qu'est le *satori*.

[Abalo da lógica, procurar, sistematizar, praticado pelo zen tendo em vista produzir na consciência esta espécie de flash vazio que é o *satori*]. (2002c : 156)

Ce que je dis ici du haïku, je pourrais le dire aussi de tout de qui advient lorsque l'on voyage dans ce pays que l'on appelle ici le Japon. (2002e : 412-413)

[Aquilo que digo aqui sobre o haiku, poderia dizê-lo igualmente acerca de tudo aquilo que advém quando viajamos nesse país que chamamos aqui o Japão]

Já em potência em *L'Empire des signes*, este contínuo movimento espiral de fuga ao sentido, Barthes procurará reproduzi-lo de ora em diante na sua reflexão e nos seus textos, e isso através de paradoxos, palinódias, retratações, mas também através do recurso à fragmentação, à arbitrariedade e a incessantes excursos, divagações. “*Je ne conteste pas, je dérive*” [não contesto, derivo], reconhecerá Barthes depois de Alain Robbe-Grillet ter sublinhado que, na Lição inaugural ao Collège de France pronunciada no dia 7 de janeiro 1977, esse não tinha dito nada, “[qu]’*il a glissé sans cesse d’un sens qui se dérobe à un autre sens qui se dérobe aussi*” [ele deslizou constantemente de um sentido que se esquia para outro sentido que se esquia igualmente] (2009).

O movimento espiral que animará doravante a escrita de Barthes após a experiência nipônica, esta tendência ou necessidade dinâmica, quase vital, em derivar de um objeto para outro, mal este tende a cristalizar-se num sentido, anula a coesão da reflexão barthesiana, dificultando, como o constatou Jonathan Culler (2002), a percepção de um sistema coeso, como se este não tivesse um centro, mas múltiplos centros. Irredutível a classificações.

De facto, como o reivindica Antoine Compagnon: “il n’y a pas un jeune Barthes et un second Barthes, un Barthes du Système et un Barthes du *Plaisir du texte* [...]. Il y a autant de Barthes comme d’objets sur lesquels il s’est essayé” [não há um jovem Barthes e um segundo Barthes, um Barthes do Sistema e um Barthes do *Prazer do texto* [...]. Há tantos Barthes quantos os objetos sobre os quais ele se ensaiou] (2013: 11).

Em 1991, num ensaio intitulado *Roland Barthes, vers le Neutre* (2003), Bernard Comment classifica a reflexão barthesiana de atópica. Segundo ele, “les modalités de l’atopos tiennent pour l’essentiel à la façon et à une énergie de se porter ailleurs lorsqu’un discours, une vague, des idées, se figent, et prennent” [as modalidades do atopos estão essencialmente relacionadas ao modo e à energia de se deslocar alhures, quando um discurso, uma onda, ideias, cristalizam].

Atopos, como o precisa Barthes nos *Fragments d'un discours amoureux*, foi a classificação atribuída a Sócrates pelos seus discípulos: um ser inclassificável, de uma originalidade incessantemente imprevisível: “Atopique, l'autre fait trembler le langage: on ne peut parler de lui, sur lui: tout attribut est faux, douloureux, gaffeur, gênant; l'autre est inqualifiable” [Atópico, o outro que faz tremer a linguagem: não podemos falar dele, sobre ele: qualquer atributo é falso, doloroso, desastrado, incômodo; o outro é inqualificável] (2002a: 66) .

Mas para que possamos perceber plenamente o que é o *texto Japão*, temos de regressar a 1966. Além da descoberta do Japão, dois outros acontecimentos terão um impacto decisivo na reflexão barthesiana sobre o texto, fazendo deste ano um *annus mirabilis*.

No início de 1966, Barthes encontra-se pela primeira vez com Julia Kristeva, jovem estudante búlgara que o introduzirá à obra de Mikhail Bakhtin e ao conceito de *dialogismo*. Recuperado e atualizado por Kristeva sob a apelação de *intertextualidade*, esta perspectiva teórica já não encara o texto como uma estrutura autónoma, definitivamente fechada em si e cujo sentido derradeiro está inequivocamente em si, mas como um sistema em constante diálogo com outros textos, nomeadamente com o *leitor*, ele próprio um texto, fazendo deste, em última análise, o *escritor* do texto que lê. Se a leitura de um texto é um ato pessoal e íntimo, a multitude de leituras possíveis abre radicalmente o texto à pluralidade significativa.

Através de Bakhtin e de Kristeva, uma conceção libertadora do texto é oferecida a Barthes. O texto surge-lhe, doravante, como um espaço neutro no qual a ditadura do significado não tem poder.

No fim deste mesmo ano, numa conferência na universidade John Hopkins em Baltimore, Barthes, na companhia de Lacan e de Todorov, presencia a comunicação de Derrida “La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines” (1967b) que marca a ultrapassagem da noção de estrutura então entendida como coesa e regida pela pressuposição de um centro, posição que Derrida desenvolverá amplamente em *De la Grammatologie* em 1973:

Le logos de l'être, la pensée obéissante à la voix de l'être, est la première et la dernière ressource du signe, de la différence entre signons et le *signatum*. Il faut qu'il y ait un signifié transcendantal pour que la différence entre le signifié et signifiant soit quelque peu absolue et irréductible. (1967a : 33)

[O logos do ser, o pensamento obediente à voz do ser, é a primeira e o última recurso do signo, da diferença entre o signo e o *signatum*. É necessário que haja um significado transcendantal para que a diferença entre o significado e o signifiante seja um pouco absoluto e irreduzível].

Ora, o *texto Japão* também não tem centro, ele é *ex-cêntrico*, tal como a cidade de Tóquio organizada em torno de um palácio imperial do qual não emana nenhuma diretiva, nenhuma *parole*, sede de um imperador invisível e inaudível. Segundo Barthes, em Tóquio, tal como no *texto Japão*,

le centre lui-même n'est qu'une idée évaporée, subissant là non pour éradiquer quelque pouvoir, mais pour donner à tout le mouvement urbain l'appui de son vide central, obligeant la circulation à un perpétuel dévoiement. De cette manière, nous dit-on, l'imaginaire se déploie circulairement par détours et retours le long d'un sujet vide. (2002e: 374)

[o centro ele mesmo é uma ideia evaporada, sujeitando-se não para irradiar um poder qualquer, mas para conferir àquele movimento urbano o apoio de um centro vazio, obrigando a circulação a uma perpétua deriva. Deste modo, dizem-nos, o imaginário desdobra-se circularmente através de desvios e regressos ao longo de um sujeito vazio].

L'Empire des signes replica as deambulações espirais de um Barthes num espaço onde, tal como num texto, o prazer e a fruição da leitura são possíveis e garantidas, um espaço imune ao logocentrismo. Uma materialização, não utópica, mas atópica, do texto literário e da literatura: o espaço neutro por excelência, como ele o defenderá em 1977 na *Leçon* (2002d).

Finalmente: diário de viagem, *L'Empire des signes*, pelo seu caráter fragmentário, pela arbitrariedade dos temas abordados e pela presença transversal de haikus, aproxima-se do *haibun*, gênero literário japonês que combina breves trechos em prosa com haikus, e cuja obra *Oku no hosomichi* (2008), “O estreito caminho ao confim”, de Matsuo Bashô, publicado postumamente em 1702 representa o arquétipo.

Aucun livre continûment réussi? [interrogar-se-á Barthes mais tarde] – sans doute le livre sur le Japon. À la sexualité heureuse a correspondu tout naturellement le bonheur continue, effusif, jubilatoire, de l'écriture. (2014e)

[Nenhum livro bem-sucedido? Talvez o livro sobre o Japão. À sexualidade feliz correspondeu naturalmente a felicidade contínua, efusiva, jubilosa, da escrita].

Notas

* Alexandre Marinho é Leitor na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde leciona Francês e Didática do Francês Língua Estrangeira desde 2022, e investigador no Centro de Investigação & Desenvolvimento: Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM). É licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (LLM - FLUP), mestre em Ensino de Português e de Francês (MEPIEFA - FLUP) e mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes (MELCI - FLUP). Defendeu, em 2011, no quadro deste último mestrado, uma dissertação intitulada *Barthes. Texto. Japão*.

¹ Todas as traduções dos trechos em francês citados são da nossa responsabilidade.

Bibliografia

Barthes, R. (1976), *S/Z*. Paris, Points.

-- (1980), *La Chambre claire: Note sur la photographie*. Seuil, Gallimard, Cahiers du Cinéma.

-- (2002a), *Fragments d'un discours amoureux*. In *Oeuvres complètes: livres, textes, entretiens*, V (1977-1980): 25-296.

-- (2002b), *La Mort de l'auteur*. In É. Marty (Ed.), *Oeuvres complètes: livres, textes, entretiens*, III (1968-1971). Paris, Seuil.

-- (2002c), *Le Neutre: Cours au collège de France* (1977-1978). Paris, Seuil IMEC.

-- (2002d), *Leçon*. In É. Marty (Ed.), *Oeuvres complètes: livres, textes, entretiens*, V (1977-1980). Paris, Seuil.

-- (2002e), *L'Empire des signes*. In *Oeuvres complètes: livres, textes, entretiens*, III, (1968-1971): 347-444.

-- (2002f), *On échoue toujours à parler de ce qu'on aime*. In É. Marty (Ed.), *Oeuvres complètes: livres, textes, entretiens*, V (1977-1980). Paris, Seuil: 906-914.

-- (2014a), *Le Degré zéro de l'écriture: suivi de Nouveaux essais critiques*. Paris, Points.

-- (2014b), *Le Plaisir du texte*. Paris, Points.

-- (2014c), *L'Empire des signes*. Paris, Points.

-- (2014d), *Mythologies*. Paris, Points.

-- (2014e), *Roland Barthes*. Paris, Points.

Basho, M. (2008), *Oku no Hosonichi, L'étroit chemin du fond: édition bilingue français-japonais*. William Blake & Co.

- Comment, B. (2003), *Roland Barthes: Vers le neuter*. Christian Bourgeois Editeur.
- Compagnon, A. (2013), “Lequel est le vrai?”, in *Le Magazine Littéraire*: 9-14.
- Culler, J. D. (2002), *Barthes: A Very Short Introduction*. Oxford, Oxford University Press.
- Derrida, J. (1967a), *De la Grammatologie*. Paris, Les Editions de Minuit.
- (1967b), *La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines*, in *L'écriture et la différence*. Paris, Le Seuil.
- Herrigel, E. (2007), *Zen e a arte do tiro com arco*. Lisboa, Assírio & Alvim.
- Pinguet, M. (2009), *Le Texte Japon*. Paris, Seuil.
- Robbe-Grillet, A. (2009), *Pourquoi j'aime Barthes*, in *Titres* (Vol. 89). Paris, Christian Bourgeois.
- Suzuki, D. T., Fromm; E., & DeMartino, R. (2018), *Bouddhisme Zen et psychanalyse*. Paris, PUF.
- Watts, A. W. (2000), *O Budismo Zen* (5ª ed.). Lisboa, Presença.